

António Vieira

ELOGIO DA DESCRENÇA
ensaios



COMPANHIA
DAS ILHAS

2022

ÍNDICE

ABERTURA	7
I. Linguagem	9
II. <i>Homo</i>	27
III. Mito	43
IV. Deuses	61
V. Morte	81
VI. Oriente	89
VII. Livre arbítrio	117
VIII. Memória	137
IX. História	155
X. Utopia	173
XI. Pós-história	191
XII. Jogo	209

Estes fragmentos exprimem, sucessivamente, a descrença na linguagem, no género *Homo*, nos deuses, nas essências, na liberdade e na história, e culminam no reconhecimento e na celebração de um Jogo do mundo como dinamismo de fundo original. Provêm de notas escritas ao longo de duas décadas. Trata-se quase sempre de estilhaços de escrita, ecos eles próprios de estilhaços de pensamento. Um tal viveiro de anotações dispersas obrigou à sua decifração, transcrição, ordenação e aclaramento, e o material por fim obtido, contendo breves momentos de ficção por entre elementos de reflexão¹, foi dividido em doze núcleos temáticos. Os capítulos resultantes, subdivididos eles próprios em segmentos, articulam-se por forma a que um fio discursivo guie os blocos de texto, dando-lhes unidade e extraíndo da sua sequência o projecto de um livro. A sucessão de interrogações, asserções e comentários encadeados configura uma maneira de olhar o mundo e de estar no mundo, guiada pela ideia da fenomenologia.

A.V.

1 Os fragmentos ficcionais figuram em itálico. Os textos poéticos são, quando possível, incluídos na língua original. O autor traduziu as passagens citadas a partir das fontes que refere. Agradecimentos são devidos a Gilda Oswaldo Cruz, pelo seu apoio na análise de textos em alemão e pela sua leitura crítica do conjunto da obra.

I. LINGUAGEM

É certo que as palavras, os seus dédalos, a imensidão esgotante das suas possibilidades, por fim a sua traição, têm algo das areias movediças.

GEORGES BATAILLE²

Há um carácter totalitário da linguagem, impetuoso e jucundo, que a acompanha desde o seu estado mais elementar e a leva a visar todos os seres em jogo. Esta tirania da palavra exerce-se sobre um fundo emocional de pensamento dialéctico, opondo as díades eu/não-eu, nós/eles, aqui/além, antes/depois, agora/outrora, e mais, e mais, e leva o sujeito falante a apropriar-se sem esforço da totalidade do mundo. Assim parte à conquista da Coisa-mundo, sem nada obter, é certo, da sua intimidade: não desvenda os segredos últimos, mas funda sobre a matéria uma instância dialéctica de poder.

Esta apropriação da totalidade dá-se de modo defectivo e fraudulento, porque as palavras não equivalem aos objectos, como bem se sabe: entre palavra e objecto denominado, entre linguagem e mundo, flutua uma membrana de indeterminação, de cuja substância se formam mitos, crenças e preconceitos, e à qual é confiada a conciliação *contra natura* entre a expressão verbal e a realidade das coisas.

A fatalidade humana surge com a palavra: inventada e fixada sob as leis pragmáticas da evolução, saída incautamente da caixa de

2 «Et il est vrai que les mots, leurs dédales, l'immensité épuisante de leurs possibles, enfin leur trahison, ont quelque chose des sables mouvants.» – *L'expérience intérieure*, Paris, 1943 (Gallimard), III, p. 26.

Pandora, eis que logo o feiticeiro é assediado pelo próprio feitiço: porque *dizer* projecta-o assimetricamente no passado e no futuro. Ao inquirir esses tempos problemáticos das origens e do destino, perde a apaziguadora impressão de viver no presente. O que deveria ser dádiva e benefício para o corpo vem inquietar o espírito e levá-lo à fronteira do desespero.

Os (outros) animais, desprovidos da *visão das palavras*, esse duplo crítico da visão dos sentidos, situam-se no plano dos objectos, e nenhum deles hesita perante a realidade de que está na Coisa-mundo e lhe pertence. O primata verbal, na desmedida soberba do desempenho da linguagem, exclui-se do mundo por um momento e intenta partir a decifrá-lo. Com a linguagem, advém-lhe a impressão enganosa de se situar acima da natureza e obter um destino à parte – se bem que o novo espaço a que acede pertença ainda à natureza, num sentido mais lato.

A linha limite para definir o lugar do homem no mundo passa geralmente pela linguagem, dom suposto comum a deuses e homens, e por tanto fundador do preconceito que incita à clivagem humanos/animais e *Homo/natureza*, malgrado as provas acumuladas de que a linguagem teve uma história natural e se gizou no plano da matéria.

Cilada da linguagem: formada no passado do homem por casual e pragmática vantagem, leva-o enfim ao susto e ao limiar do mistério. Como num passe mágico, o puro interesse, afim do bicho (a pascaliana *bête*), transforma-se em inquietação, que vem pairar sobre o anjo (*l'ange*).

Arriscada metamorfose, a da linguagem: surgira como prolongamento do organismo humano, com eficaz influência nas tarefas pragmáticas e na divisão de trabalho, e torna-se num dado ponto ferramenta para pensar. Não supõem alguns sábios que os primeiros utensílios do homem e as primeiras palavras teriam participado

de uma evolução paralela, usados ambos para lançar (com os seus gumes) esscarificações e inscrições transformadoras na matéria?

Há em todos os humanos uma primeira e radical metamorfose interior, quando a criança acede à esfera da linguagem e assim se afasta definitivamente da natureza. Decerto o esquecimento vem encobrir-lhe esse passo fatal: de outro modo, grande nostalgia cairia sobre ela, ao ver-se privada da intimidade do mundo e da condição pré-verbal.

*

Os animais não verbais estão no tecido da natureza sem disso se aperceberem; os animais verbais, na desmedida sede de apropriação a que a linguagem os incita, excluem-se da natureza ao denominá-la, e daí partem para a pensar.

Estranho é o ser vivente que, separado do mundo pela palavra – «o poeta que substituiu ao silêncio a palavra do silêncio. (...) Não é possível exercer a autoridade suprema da palavra sem a expiar.»³ –, se permite construir com a palavra modelos sucessivos simulando o mundo.

Incapacidade da palavra para transpôr o hiato que a separa da verdade: perplexidade, incompletude, irrisão dos seres falantes, que delegam na linguagem, e na razão crítica com ela articulada, a inane missão de dar a conhecer as coisas denominadas.

Num voo ziguezagueante de borboleta, a palavra pousa sobre o objecto. Para quem assiste, a borboleta encobre o objecto, que pode ser esquecido e fazer-se representar por ela. – Francis Ponge: «Confrontar as palavras às coisas, para as lavar dos usos que delas

3 «Le poète qui a substitué au silence le mot de silence. (...) Il n'est pas possible d'exercer l'autorité suprême de la parole sans l'expier.» – Blanchot, M. – *Chroniques littéraires du Journal des débats, avril 1941- août 1944*, Paris, 2007 (Gallimard /Les cahiers de la NRF), p. 268.

foram feitos e reencontrar um certo recurso primeiro das palavras»⁴: como a tentar redimi-las (às palavras) do *seu* pecado original de pousarem, quais insectos sedutores, sobre a flor das coisas, dando-se em seu nome.

Receita para uma moral provisória: usar as palavras para provar a inânia das palavras, a precariedade do seu uso e a incompletude das suas conclusões.

✱

As palavras, talhadas com materiais mundanos, são ordenadas e des-ordenadas de mil maneiras, à procura dos enigmas do mundo, crescendo-os com o seu próprio enigma e promessas ínvias de decifração.

Doravante, os objectos não serão mais abandonados ao grande Jogo do mundo, mas sujeitos a uma taxonomia, ordenados e confinados por regras escritas (de gramática, de sintaxe, de lógica), que enturvam a nudez e a inocência, não apenas deles próprios mas da inteira natureza.

As palavras escritas são objecto para os sentidos, não tanto na singularidade da sua morfologia como no fulgor do seu significante, que delas se desprende e reboia no silêncio interior de quem lê, como se o olhar percutira as sílabas, desprendendo delas, uma a uma, as sonoridades que encerram.

Quanto ao vocabulário das escritas fonéticas, forma-se – imitando assim a natureza – do arranjo atómico das letras, da estrutura molecular das palavras, da tessitura celular das frases e da índole orgânica da sintaxe, que enfim confere ao discurso comportamento (semântica) e rumo.

4 «Confronter les mots aux choses, pour les laver des usages qu'on avait fait d'eux et retrouver une certaine ressource première des mots» – Contido na exposição comemorativa dos cem anos da NRF, Paris, 2011 (Bibliothèque nationale). .

Início da história, quando a *lalosfera* se torna *grafosfera*: na passagem de uma a outra o pensamento coagula-se em escrita: aquilo que rumorejava na intimidade do Eu (já sob forma verbal) como enigma e ideia, como insatisfação e pergunta, desce à palavra escrita, num processo de ‘domesticação’ que fixa o pensamento e o traz à urbe, oferecendo-o à (leitura da) comunidade e das gerações a vir.

Num primeiro tempo, os nomes domesticam as coisas, retiram-lhes a sua estranheza nativa, submetem-nas, tornam-nas complacentes, resgatam-nas perante o olhar e o ouvido e prometem-nas ao entendimento: ao procurarem mais fundo, e porque as coisas resistem ao desvendamento, as palavras rondam em vão e jazem por fim como crisálidas abandonadas.

*

A oralidade perante a escrita, a cultura perante a civilização: no século XVI, certos índios das florestas do Brasil, ao verem os Europeus ler as cartas recebidas, pretendiam que essas cartas *falavam*.

A escrita, ao transitar da China para o Japão, ilustrou um fenómeno singular: cada ideograma descolou-se do objecto que denominava, e, voando sobre o mar, veio pousar sobre um objecto diferente, que passou a nomear como se fora novo. Por isso, os Chineses que visitam o Japão reconhecem os seus ideogramas mas não sabem o que significam.

O linguista que se torne entomólogo, movido por certa analogia entre as palavras escritas e os insectos sociais, encontrará nestes a mesma singularidade que habita naquelas: ambos assumem formas caprichosas, produzem rumores e unem-se em grande número para alcançar objectivos.

Para um estudioso estrangeiro, os ideogramas são como estranhos insectos, imóveis e hibernantes, de insuspeitadas capacidades

gregárias. Realmente, só têm comportamento em sociedade, quer surjam alinhados ou sobrepostos na narrativa, quer se desalinhem na concisão do poema.

Envelhecia, quando teve a vontade veemente de estudar a escrita chinesa. A língua em si não o teria movido, nem mesmo a literatura. O que o decidiu foi um desejo de conhecimento: olhar para os mesmos objectos através de renovadas lentes, para neles descortinar novas formas, cores e brilhos e vislumbrar, quem sabe, uma aura até então escondida.

Naquele dia aprendeu doze ideogramas, estranhos insectos sobre a palidez da página, desdobrando patas e antenas assimétricas; no outro dia estudou mais sete caracteres, mas esquecera nove dos doze precedentes; no dia que se seguiu memorizou cinco caracteres, mas confundira quatro dos que já estudara. Dia a dia fixava e desfixava novos ideogramas, enquanto miríades desses insectos incontáveis, todos diversos, todos viáveis, o aguardavam na profundidade do poço de onde saíam lentamente, insaciavelmente, inesgotavelmente, para o assediarem e alterarem os saberes que julgava ter de alguns objectos.

Mais, aprendeu que esses insectos de movimento tão errante e forma tão ab-errante tinham som: o seu alinhamento despertava, em quem pudesse lê-los, estranhas propriedades acústicas que se propagavam ao leitor, levando-o a sonhar acordado o que lhe revelavam. Irrompíam como presenças mediúnicas interpostas entre as ideias e as coisas.

As mais de seis mil línguas conhecidas, vivas e mortas, faladas e escritas, constituem outros tantos sistemas ópticos, filtros entre a percepção e o entendimento do mundo, contendo a possibilidade de obter dele outras tantas representações. Restam as escritas indecifradas, cujo enigma permanece selado: são como rastos e vestígios deixados por animais de espécies extintas (hoje estudados pela ciência da *icnologia*), que nos intrigam e se obstinam em recusar a chave do seu significado.

Do acréscimo sem limite da memória gregária garantida pela escrita, rede invasiva e proliferante, decorreu, apesar da separação das línguas, um diálogo de saberes entre cidades e gerações. Como se, doravante, o conhecimento circulasse não mais entre a voz e o ouvido, mas entre a mão e o olhar.

✱

A escrita liberta os grupos humanos da monotonia da circularidade do tempo e entrega-os à linearidade trágica de um outro tempo, sem regresso. Assim lhes concede a passagem de um estado de cultura a um estado de civilização, abrindo-os a um rumo de fatalidade.

O destino das guerras e dos impérios marca a área de distribuição planetária, não tanto dos deuses como das línguas: no momento em que uma potência acede à hegemonia, logo a sua língua se dissemina e barbariza. Assim, as línguas triunfantes pagam tributo (por degradação) ao seu próprio triunfo – e os exemplos-limite são o latim, corrompido e transformado nas línguas modernas do ocidente, e o inglês, barbarizado pela vasta terra em tempos de fim da história.

Analogia da linguagem com a imagem de algo ao espelho, em que vemos representado o objecto sem o possuímos na sua plenitude: cilada, logro de um conhecimento que se dá por legítimo. Não tomar Nefeleia (a nuvem, simulacro da deusa que Íxion quis possuir) por Hera, e não agir como se assim fora.

O papel legitimador da metáfora (que é a linguagem dos sonhos) em todos os continentes da indagação humana – ciência, arte, metafísica, religião – mostra o engenho e o fracasso da linguagem, que precisa da via analógica para designar os rumos do pensamento. Uma língua matricial destinada a procurar a verdade desdenharia de metáforas, indo direita ao essencial. Tal é o caso, *mutatis mutandis*, da matemática, essa ciência demasiado humana, ciência-andaime, que se torna ela própria numa despojada metáfora da natureza.